

IDENTIDADES DO SUJEITO APRENDIZ DE LÍNGUA INGLESA DOS CURSOS DE LETRAS DA MODALIDADE EAD

Nathiele Correia Cunha¹
Marize Barros Rocha Aranha²

Resumo: Neste artigo tem como objetivo a análise das identidades dos sujeitos aprendizes de Língua Inglesa (LI) inseridos no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), a partir das reflexões propostas por Michel Foucault e Michel Pêcheux alicerçada na Análise do Discurso de linha francesa. Parte-se do entendimento de que os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem são constituídos por certas formações discursivas, segundo Foucault (2009), as quais evocam o contexto histórico, social e econômico nos quais esses sujeitos se inscrevem. Desse modo, a noção de identidade será estudada, à luz dos sociólogos Bauman (1997) e Stuart Hall (2000), pois, de acordo com o último, a identidade surge dentro de conflito de poder, elaborada a partir do contraste e não distante dela. Dessa forma, pode-se perceber que a identidade do sujeito-aprendiz de língua inglesa é influenciada, consideravelmente, pela pós-modernidade.

Palavras-chave: AVA. Ensino de Língua Inglesa. AD francesa.

Abstract: The goal of this paper is to analyze the English language learner identities in the Virtual Learning Environment (VLE), by Michel Foucault and Michel Pêcheux reflections, based on the French Discourse Analysis. People involved in the learning process constituted with some discursive formations, by Foucault (2009), with people's historical, social and economic context. Then, the identity concept will be studied by Bauman (1997) and Stuart Hall (2000) sociologists, according to the last one, identities have been borned inside of power conflict, elaborated from the contrast and not distant of it. Therefore, the English learner identity has influenced, significantly, by postmodernity.

Keywords: VLE. English Language Teaching. French Discourse Analysis.

1 Introdução

O ambiente virtual possui algumas características fundamentais como: estar em conexão, estar em interação e estar em hipertexto com toda rede de computadores mundial. A primeira assegura o acesso a diferentes situações, como por exemplo: à internet, à informação e à comunicação, independentemente do espaço e do momento.

¹ Pós-Graduanda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP. Professora do Curso de Letras e da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão - PGLetras - UFMA.

Enquanto que a segunda característica admite a interação da mídia juntamente com o texto. Já a terceira característica acontece de maneira *síncrona ou assíncrona*, segundo Santos (2006).

As características do ambiente virtual, acima mencionadas, servirão de base para a reflexão acerca dos sujeitos aprendizes de LI inseridos nesse ambiente virtual de aprendizagem. No primeiro momento, traremos algumas reflexões acerca do ensino de LI no AVA, bem como, um breve contexto histórico do surgimento dessa aprendizagem nesse ambiente.

Almeida (2003, p. 331), conhecida pela sua experiência em Educação e Tecnologias, ressalta:

Ambientes digitais de aprendizagem são sistemas computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Permitem integrar múltiplas mídias e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos. As atividades se desenvolvem no tempo, ritmo de trabalho e espaço em que cada participante se localiza, de acordo com uma intencionalidade explícita e um planejamento prévio denominado design educacional, o qual constitui a espinha dorsal das atividades a realizar, sendo revisto e reelaborado continuamente no andamento da atividade.

Em seguida este trabalho apresentará alguns aspectos teóricos-metodológicos mobilizados pela Análise do Discurso de matizes foucaultianas e pecheutiana as quais podem elucidar pontos essenciais acerca dos sujeitos aprendizes de LI no AVA. Assim como, a noção de identidade vista por Bauman (1997) e Hall (2000) desses sujeitos já aqui mencionados.

2 O ensino de Língua Inglesa no ambiente virtual de aprendizagem (AVA): algumas reflexões

O mundo pós-moderno, no qual estamos inseridos, se constitui de formas multifacetadas, dentre essas formas, tem-se o ensino aprendizagem de língua inglesa (LI) inserido no ambiente virtual. Para haver interação entre os usuários é necessária uma rede que abarque pessoas de todo o mundo, chamada de rede mundial de computadores. Evidenciando uma não sincronia entre o espaço e o tempo, ou melhor,

já que pode não mais constituir uma obrigatoriedade interagir de forma presencial e com uma simultaneidade de atos.

Por ser uma realidade inelutável, o AVA tem se projetado de maneira acelerada com o decorrer do tempo e tal avanço vai ao encontro, sobretudo, do contexto educacional. Compartilhando dessa ideia e construindo uma interface com plataformas educativas, ele possui uma função mister acerca do processo de interação dos cursos *on-line*. Como Santos (2006, p. 18) assegura: “o AVA é um sistema informatizado, projetado para promover interação entre professores, alunos e quaisquer outros participantes em processos colaborativos que envolvam ensino e aprendizagem via Internet”.

Sendo um sistema informatizado, o AVA necessita de uma mídia justamente para fazer um intermédio com o processo de ensino e de aprendizagem à distância. Complementando tal ideia, a interação e a aprendizagem em ambiente virtual é, com certeza, um trabalho bastante complexo e acaba fazendo jus a um contexto de pensamentos que se constituem acerca de uma conexão eletrônica, sua construção enquanto prática discursiva e, em contrapartida, as próprias consequências nos processos de aprendizagem. Admitindo Pereira (2007):

AVAs consistem em mídias que utilizam o ciberespaço para veicular conteúdos e permitir interação entre os atores do processo educativo. [...] Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) consiste em uma opção de mídia que está sendo utilizada para mediar o processo ensino-aprendizagem à distância. (PEREIRA, 2007, p. 4-5).

Compreender a etimologia da palavra virtual torna-se imprescindível, já que sua origem veio do latim *virtulais*, o dicionário Aurélio, a define: “como faculdade, porém sem exercício ou efeito atual”. Indo de encontro a essa definição, Lévy (1996) afirma que a palavra virtual consiste em algo que seja moderno, ou melhor, evidencia aquele acontecimento, aquela situação, há uma potencialização de um efeito, de um ato, tornando-o possível de ser realizado.

Ademais, compartilhando dessa mesma ideia, Santos (2003) reitera que o AVA é considerado um local inexaurível de (re) significações em que há uma

interação entre as pessoas e as tecnologias fortificando dessa forma, a constituição de conhecimento.

É importante também relacionar este sujeito - aprendiz com o ambiente virtual que é o objeto de análise dessa investigação. Esse sujeito entra em contato com uma língua estrangeira e, ao mesmo tempo, é afetado por ela, da mesma forma da *materialidade simbólica*, e pelo fato de ser um curso à distância, acaba sendo desvinculado de uma prática corriqueira de ensino de línguas que acontece no Brasil.

A história da educação à distância se origina, inicialmente, por correspondência, no término do século XVIII e com grande acréscimo no início do século XIX. Hoje, a educação a distância tira proveito de diferentes recursos, como por exemplo: a impressão do material didático, a utilização de simuladores virtuais, cuja interação acontece de forma bastante significativa entre o aprendiz e professor, vulgo tutor, utilizando-se, assim, de uma interação sincrônica entre os mesmos.

É importante ressaltar, ainda, que as contribuições da tecnologia para o ensino de línguas por meio da modalidade Educação a Distância (EaD) estão, cada vez, mais presentes na contemporaneidade. Visto que, nos anos 70 iniciaram novas análises e definições acerca de métodos e técnicas em EaD, mostrando um avanço expressivo em seu uso, atrelando diferentes ferramentas midiáticas. Tal crescimento se deu, sobretudo, em função do advento tecnológico que acabaram sendo ampliados e compartilhados de forma intensa no início dos anos 90, e bem como, por meio de estudos no âmbito da educação, que estrearam delineando direções pedagógicas nas conjecturas cognitivas.

Segundo Paiva (2008), o AVA já se faz presente há certo tempo com o objetivo de mediar o ensino de línguas e é necessário compreender, de forma histórica, como ocorreram estas mudanças significativas nessa área e como esses ambientes de aprendizagem desempenhavam suas funções até hoje.

É perceptível que o aparecimento dos computadores portáteis no país, por volta dos anos 80, desencadeou o surgimento de novas tecnologias, sobretudo, no AVA e trouxe inúmeros benefícios para o ensino de línguas, como se pode ser destacado por meio de uma maior interação entre os discentes e docentes e até mesmo

uma promoção no processo educativo acerca da autonomia do aluno voltado para o processo de ensino e de aprendizagem mais individualizado.

Existem muitas razões que evidenciam estas transformações, aqui se tem três: uma atualidade no âmbito da tecnologia, um aumento considerado por parte dos discentes em busca de um ensino diferenciado e o descobrimento desses alunos por uma instrução bem mais personalizada.

Como Neves (2003) ratifica:

De fato, a educação à distância com todo o potencial das novas tecnologias da informação e da comunicação ainda é um objeto de aprendizado para nós, educadores. Ou seja, parodiando Umberto Eco, é uma obra aberta, e como tal deve ser apreendida e enriquecida por cada um de nós. Com criatividade, conhecimento e competência, caminhos mais complexos podem ser trilhados. O pano de fundo do texto é minha crença na necessidade de democratizar a educação e na capacidade que temos todos nós, educadores, de fazer educação com elevado padrão de qualidade, independente de distâncias. (NEVES, 2003, p. 90).

Ademais, os avanços das tecnologias usadas no ambiente virtual de aprendizagem estão se modificando e com o intuito de transformar este ensino existem facilitações nas estratégias e nas abordagens no processo de ensino e de aprendizagem. Com isso, acaba acarretando uma aprendizagem muito mais inovadora e, ao mesmo tempo, dinâmica, não se limitando somente para apreensão de um idioma, mais, sobretudo, ao desvendar dos costumes, da cultura e da história desta língua alvo.

Nessa contextura, segundo o autor Castells (1999), a sociedade atual está entrelaçada em uma rede, “conectada”, usando a Internet para se comunicar, ela está vivendo uma revolução na área da tecnologia, ocasionando novas redes que se interagem de forma interconectadas mundialmente. Por isso, “é que a informação representa o principal ingrediente de nossa organização social, e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico de nossa estrutura social” (CASTELLS, 1999, p. 573). Como ainda reforça o mesmo autor:

Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. [...] Eu afirmaria que essa lógica de redes gera uma determinação social em nível mais alto que a dos interesses sociais específicos expressos por meio das redes: o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder. A presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às

outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade: uma sociedade que, portanto, podemos apropriadamente chamar de sociedade em rede, caracterizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social (CASTELLS, 1999, p. 565).

A EaD apresenta diferentes estratégias tecnológicas que constituem as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, conhecida como TDIC's, constituindo-se de todo um aparato interativo presente no ciberespaço, uma vez que o precípua é a reformulação na área pedagógica desses alunos que estão aprendendo a LI, no ambiente virtual, favorecendo, concomitantemente, dois tipos de aprendizagens: a primeira, a individualizada e a segunda, a coletiva em uma rede.

Com isso, pode-se afirmar que a aprendizagem intercedida por aparatos tecnológicos tornar-se visível como um novo modelo na área educacional, determinando uma reformulação de conceitos: metodologias acerca no ensino e da aprendizagem, novos procedimentos avaliativos, ensino diferenciado em face das TDIC's e diversas maneiras de aprendizagem.

3 Identidades do sujeito aprendiz de Língua Inglesa dos Cursos de Letras da modalidade EAD

O discurso é histórico - fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade... Michel Foucault ([1969] 2009, p.133.)

A tessitura deste trabalho constitui-se a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso francesa, doravante AD, sobretudo, emanado dos trabalhos de Foucault e Pêcheux, a questão das práticas discursivas dos sujeitos aprendizes de LI no ambiente virtual de aprendizagem, encontrados por meio desta formação discursiva: “os dizeres e os fazeres inserem-se em formações discursivas, cujos elementos são regidos por determinadas regras de formação” (GREGOLIN, 2007, p. 14).

Ao falar em AD, é necessário esclarecer que ela é um campo de saber próprio, nasce a partir de entremeios, com a construção do sentido na e pela língua, relacionando o sujeito com a história. Ou melhor: a AD tem confluência com outros

campos de saberes, como: a *linguística*, o *materialismo histórico* e a *teoria do discurso*.

Exatamente como Foucault (2009), considerado um dos maiores pensadores na França da contemporaneidade, explicita acima que o discurso se constrói de forma histórica, evidenciando, uma descontinuidade desta. Sendo que, para o mesmo autor, o discurso foca-se, sobretudo, na própria realidade, no que está sendo pronunciado e no que está na materialidade. Em seu livro, *Arqueologia do Saber*, inaugura uma correlação de alguns focos, tais como: o *discurso*, o *saber* e o próprio *enunciado*. Construindo, ao mesmo tempo, acerca de método, uma nova história e uma história nova também:

(...) em nossos dias, a história é o que transforma documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos. Havia um tempo em que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; que poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento. FOUCAULT, ([1969] 2009, p.8).

Dessa forma, é perceptível que os discursos, como mencionado acima, irão se constituir a partir de uma base findada na história e uma determinada *instituição*, consentindo ou impedindo a sua concretização. Voltando, agora, para o sujeito inserido neste ambiente virtual de aprendizagem, ele vai ocupar uma posição institucional nesse lugar e será afetado por ele, indubitavelmente. Além disso, esse sujeito irá utilizar dos enunciados, de certa área discursiva, conforme as vantagens de cada contexto imediato.

Outra questão, extremamente salutar, é a concepção de discurso como uma prática, que se volta, principalmente, na elaboração dos sentidos por um “perfeito” desempenho das relações e dos enunciados. Definindo-se como prática discursiva: “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica,

geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” FOUCAULT, ([1969] 2009, p.133).

Ou melhor, as práticas discursivas são o elo entre o discurso e condições reais de uma situação. Elas são fases de *ressignificações* e, também, elaboração de sentidos, relacionando-se ao uso real da linguagem, isto é, a própria linguagem em ação, em movimento, a maneira como os sujeitos assumem posições no seu dia a dia.

Visto que, esse domínio, dito, discursivo, pode ser dado internamente ou externamente, segundo Foucault, porque as práticas discursivas não podem ser consideradas somente como formas de elaboração de enunciados, mas elas são, sobretudo, efeito (s) de vínculo de poder. Como Foucault (2009) admite:

O tipo de análise que eu pratico não se ocupa do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso cumpre uma função dentro de um sistema estratégico onde o poder está implicado e pelo qual o poder funciona. O poder não está, pois, fora do discurso. O poder não é nem a fonte nem a origem do discurso. O poder é algo que funciona através do discurso, porque o discurso é, ele mesmo, um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder. FOUCAULT, ([1969] 2009, p. 235)

Essa relação de poder está completamente associada ao discurso deste sujeito inserido nesta pós-modernidade. Compreendendo essa relação no processo educacional cuja finalidade é a elaboração e adequação de uma autonomia, de um sujeito empoderado, ou melhor, a questão da autonomia estará continuamente pautada na relação de poder que esse sujeito se ocupa. Segundo FOUCAULT, ([1969] 2009, p.12): “o poder pode ser uma concessão de alguém com mais poder que concede a outro em escala abaixo”.

Assim, para o autor o poder não está fixo, ou instaurado no mesmo lugar, pelo contrário refere-se a alguma coisa em movimento, em circulação, e o seu funcionamento se dá por uma conexão, por uma rede, pois o poder passa pelos sujeitos e se mantém por meio de uma cadeia. Ele, o poder, é proveniente de uma origem que se ramifica para os extremos.

Nesse momento, também, é importante fazer um entrecruzando da vertente pecheutiana como sujeitos aprendizes de LI no AVA. Percebe-se a forte relação da construção do sentido e da história servindo de pilares para o entendimento da

linguagem, como até já foi mencionando. De acordo com a autora Orlandi (1994), pioneira em análise do discurso no Brasil, a teoria pecheutiana pretende:

Colocar questões para a Linguística no campo de sua constituição, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais em seus fundamentos, interrogando a transparência da linguagem, a do sujeito e a do sentido, transparência sobre a qual essas ciências se assentam. (ORLANDI, 1994, p. 54)

Dessa forma, a língua, pelo viés da discursividade não se categoriza de forma simples, mas em oposição a isso, ela é distinta, de maneira inexplorável, por meio da exterioridade que a compõe. O sujeito ao produzir um enunciado, envolve muita coisa que já está interpelado nessa produção, pois há um feixe de sentidos não produzidos por esse sujeito, entretanto são organizados de forma sócio-histórica, emanados daquilo que já foi dito. De acordo com (Pêcheux, 2009), o discurso irá sempre se interlaçar com o já-dito, constituindo-se no interdiscurso, que é o centro do processo discursivo: o nível da elaboração, o fio do discurso. Reiterando, Pêcheux (1997) afirma:

O processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as deformações que a situação presente introduz e da qual pode tirar proveito. (PÊCHEUX, 1997, p.77).

Ademais, ainda sobre o interdiscurso, PÊCHEUX (2012, p. 53), diz que: “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro”, corroborando com o que foi explanado, evidencia-se que não somos donos do nosso discurso, ele está fortemente inclinado ao “já-dito”.

Dessa forma, pode-se depreender que o sentido não se constrói a partir das palavras e nem dos sujeitos, porém emana das posições que esses sujeitos ocupam no discurso. Eles não são responsáveis pelos sentidos, como já foi explanado, mas esses se relacionam com a posição ideológica com a qual ele está ligado.

Outro conceito essencial é o de formação discursiva (com os pensamentos de Foucault, no livro *Arqueologia do Saber*, emana das formulações teóricas: ideológica e social), que será identificada nas práticas discursivas presentes nos aprendizes de língua inglesa no ambiente virtual, partindo do entendimento de que a formação discursiva é: “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. Pêcheux (1997, p. 160).

É necessário, pôr em destaque, sobretudo, a construção da identidade desse sujeito, alvo desta pesquisa, inserido no ambiente virtual e na pós-modernidade. Nas palavras de Gregolin (2009, p.32), compreender a construção identitária na perspectiva da AD é: analisar as “práticas discursivas que criam efeitos de sentidos de identidades”.

Além disso, muitas são as mudanças que mundialmente vem acontecendo e que estão transformando a identidade desse sujeito, “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, etnia, raça e nacionalidade” (HALL, 1997, p.9) que eram sólidas localizações do indivíduo social, abalando nossas percepções de si mesmos e fazendo com que ocorra uma grande “crise de identidades”. “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 1997, p. 12).

Segundo Hall (1997), a identidade do sujeito pós-moderno se define dessa forma: “A identidade é algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento [...]. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre sendo formada”... (HALL, 1997, p. 38).

Para Bauman (2001), o sujeito pós-moderno se adequa a qualquer identidade que desejar em qualquer tempo ou espaço:

Em vista da volatilidade e instabilidade intrínsecas de todas ou quase todas as identidades, é a capacidade de “ir às compras” no supermercado das identidades, o grau de liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias de identidade.

Com essa capacidade, somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade. Ou assim parece. (BAUMAN, 2001, p. 98)

Com isso, esse autor confirma que vivemos em mundo consumista, ou melhor, que há um leque de possibilidades de escolhas, adquirindo ou eliminando identidades, e essa sensação de movimento nos oferecerá a completa percepção de liberdade. Com isso, as identidades irão ser construídas de forma inacabada, o tempo todo tendo uma nova experiência e conseqüentemente, estará sendo construída. Há um fluxo constante de troca de identidades, tudo irá depender do momento pelo qual estamos experimentando, pois, muitas identidades que nem pensamos em assumir ainda poderão ser inventadas, não há como defini-la ou se quer enquadrá-la como queremos, até porque vai depender do momento que estamos experimentando que nos produzirá maior satisfação.

Portanto, é perceptível que o discurso se interage diretamente com o sujeito, ou melhor, ele, o discurso, determina pessoas em sujeitos. O entendimento desse sujeito tem uma função bastante especial neste trabalho, porque ele, concomitantemente, é formado por uma exterioridade, assim como permite uma elaboração de sabedoria e de identidades múltiplas. Em outras palavras, o sujeito, ao mesmo tempo, que é formado a partir de uma instituição também ele irá produzir outros discursos, constituindo novas identidades para diferentes sujeitos.

4 Considerações finais

Este trabalho teve como propósito apresentar um panorama teórico e metodológico a respeito das práticas discursivas dos sujeitos aprendizes de língua inglesa inseridos na pós-modernidade. Pode-se perceber que o discurso desse sujeito do AVA na conjectura da AD francesa volta-se, sobretudo, para as condições reais de produção. Além disso, alguns conceitos como: formações discursivas, interdiscurso e práticas discursivas foram basilares para este trabalho. Por meio desses, foi observado como são construídas as identidades desse sujeito, já que para Bauman (2001), elas são (re) construídas constantemente dependendo do tempo e do espaço com os quais o sujeito está inserido.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Tecnologia e Educação a Distância: abordagens e contribuições dos ambientes digitais e interativos de aprendizagem.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.2, p. 327-340, jul./dez. 2003.

BEHAR, P. A. **Modelos pedagógicos em Educação a Distância.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

_____. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FOUCAULT, Michel. [1969]. **A arqueologia do saber.** 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009.

_____. (1979). **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal.

GREGOLIN, M. R. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades.** In:

Comunicação, mídia e consumo, São Paulo, v.4, n.11, p.11-25, nov. 2007.

_____. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso - diálogos e duelos.** São Carlos: Claraluz, 2004.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, T. T. da (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis, RJ Vozes, 2000, p. 103-133.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade;** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LÉVY, P. **Tecnologias da inteligência.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **O que é virtual.** Tradução Paulo Neves. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

MACHADO, Roberto. **Ciência e Saber – A Trajetória da Arqueologia de Foucault.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

NEVES, C.A., **Educação a Distância e a Formação de Professores**. Brasília: TV Escola, 2005. Disponível em: Acesso em 10/10/2016.

PAIVA, V.L.M.O. **O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras**: breve retrospectiva histórica. 2008b. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/techist.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2012.

PEREIRA, Alice. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem**: em diferentes contextos. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda., 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução EniP. Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2009.

_____. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. In: GADET & HAK (org.). Por uma análise automática do discurso. 3ª ed., Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni P. Orlandi. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. In: Em Aberto, n.61, ano 14. Brasília: INEP, jan./mar. 1994, 53-59.

SANTOS, Edméia. SILVA, Marco. **A avaliação da aprendizagem em Educação online**. São Paulo. Edições Loyola, 2006.